

INSTITUTO POLITÉCNICO DE TOMAR
ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA DE TOMAR
Departamento de Tecnologia e Artes Gráficas

CURSO	Design e Tecnologia das Artes Gráficas	ANO LECTIVO	2010/2011
--------------	--	--------------------	-----------

DISCIPLINA	ANO	SEM	ECTS	HORAS CONTACTO
Análise da Imagem	1.º	2.º	4	TP: 42; O: 3

DOCENTES	Prof. Adjunto João Manuel de Sousa Nunes da Costa Rosa
-----------------	--

INTRODUÇÃO

«Educators and students aren't in agreement about what still matters in design. Teachers struggle to synthesize "principles" and "tools", while the tools continue morphing into something else, deconstructing the principles along the way. Students struggle to stay current, motivated by market opportunities ("how can I get a job?"), and are seduced by the powerful allure of the tools themselves.» Staples, Loretta. The new design basics. In **Helle, Steven** (Editor). In **The Education of an e-Designer**. Nova Iorque: Allworth Press, 2001. ISBN 1-58115-193-4. p. 6-9.

É frequente depararmo-nos com actividades de âmbito criativo (como o design) de difícil definição, porque são indefinidas as suas características e fronteiras. Ao nível do design gráfico e de comunicação esta circunstância obriga o candidato a designer a estar receptivo ao que o rodeia, dotado de curiosidade e informação: possuindo uma alargada cultura.

Paradoxalmente os recursos informáticos à disposição dos candidatos a designers tendem a inviabilizar a estruturação do conhecimento e uma prática consciente, pois criam a ilusão de que todos somos potenciais designers, capazes de apresentar soluções num curto espaço de tempo.

Se ao nível da formação ministrada no ensino superior politécnico é espectável que a ênfase assente no fazer, tal não significa que se ignore o saber fazer, que se questione porque e como se faz, pelo que urge dotar os alunos de DTAG de uma sólida base de conhecimentos: que não se limite a capacitá-los para operar com máquinas, comandos, menús e software, evitando propostas estereotipadas ou soluções de comunicação gráfica pouco profundas.

Consequentemente justifica-se esta primeira revisão ao programa de Análise da Imagem, que sem prescindir da abordagem de aspectos de literacia visual, a complementa com conhecimento do discurso visual e a capacidade para ler e operar com imagens, investindo ainda na informação e na discussão em torno do design nas suas múltiplas facetas, incluindo a ética e a responsabilidade social da profissão.

OBJECTIVOS GERAIS DO PROGRAMA:

- Potenciar a aquisição de uma sólida e abrangente base de conhecimento
- Formar para o exercício crítico e consciente da profissão
- Dinamizar o exercício da crítica, da dúvida, do erro, da hipótese, do argumento
- Contribuir para o desenvolvimento normativo de projectos de investigação
- Valorizar a especificidade dos textos de comunicação visual, incluindo os elementos e os processos que os determinam
- Destacar a relevância da vanguarda e da experimentação
- Promover a literacia visual



OBJECTIVOS ESPECÍFICOS:

- Descodificar elementos e mensagens no âmbito dos textos visuais
- Compreender os processos envolvidos na concepção de soluções de comunicação gráfica e visual
- Enquadrar a investigação de acordo com princípios e com normas
- Construir raciocínios devidamente sustentados
- Responder crítica e conscientemente a problemas de âmbito visual
- Participar nas actividades propostas, incluindo trabalhos, exercícios, debates em aula, e demais tarefas propostas
- Distinguir conceitos
- Empregar adequadamente a terminologia

ESTRATÉGIAS

O programa será desenvolvido tendo em conta os objectivos definidos e os conteúdos listados.

Serão propostos exercícios visando a demonstração de compreensão dos conteúdos e permitindo avaliar a capacidade dos alunos em alcançar os objectivos definidos.

Para a implementação do programa recorrer-se-á a aulas teórica-práticas, de acordo com o modelo das unidades.

Estas aglutinam os conteúdos e cobrem os seguintes domínios de formação:

A) O PROCESSO

O design, a investigação e análise acontecem de acordo com princípios, etapas, métodos: segundo uma ordem, obedecendo a uma sequência.

É o processo que confere eficiência e rigor, embora tenda a ser redutor, pela preponderância da lógica e do formalismo, afirmando a meta e a solução em detrimento da hipótese, do erro, da experimentação.

B) A ESTRUTURA

A informação, a forma e os espaços podem-se organizar, pressupondo conhecimento, enumeração e selecção, conjugação segundo princípios ordenadores e reformulação.

Em qualquer caso a estrutura obriga ao reconhecimento do todo e das partes, da sua relação, do destaque que pode ser dado a um elemento em detrimento de outro, segundo um princípio bem definido de coerência.

C) A COMUNICAÇÃO

Tudo aquilo que o design realiza pode resumir-se a um acto de comunicação.

O designer é, antes de mais um organizador de elementos que veiculam uma mensagem, um produtor de informação. Esta determina-se através de elementos morfológicos e da sintaxe, mas também pela afirmação do conteúdo, pela tipologia dos meios/suportes empregues, pelas características dos contextos (incluindo a audiência), pela higiene e pela ergonomia.

Sermos capazes de ler capacita-nos para sermos capazes de conceber.

D) A RESPONSABILIDADE

O design não se deve limitar a ser um produtor de artefactos e produtos para o mundo, devendo ser capaz de o influenciar.

Trata-se de compreender o alcance e as implicações daquilo que concebemos, a nível económico, social, cultural e ecológico.

Em suma, devemos ter em conta que o design constitui, acima de tudo, uma atitude.

E) O CONTEXTO

Respeita ao posicionamento dos produtos, mas também daquilo que os constitui: informação, elementos.

Consequentemente pressupõe a valorização de conjuntos ou de agrupamentos em áreas bem definidas, ou, pelo contrário, a afirmação de mestiçagem e a diluição de fronteiras.



Não se trata de optar por um desses campo, mas confrontar as duas hipóteses ou perspectivas, sendo capazes de identificar as respectivas vantagens e desvantagens.

F) A DINÂMICA

Diz respeito ao modo como nos situamos face ao que nos rodeia, determinado movimento ou quietude.

Neste sentido a dinâmica não se limita à expressão de movimento ou acção dos corpos: pressupõe a noção de energia, ou seja, de movimento implícito.

Ainda assim deve-se enfatizar a dinâmica relativamente ao movimento e a sua tipologia.

G) A INTERACTIVIDADE

A percepção da informação não se limita a uma leitura estática, a um confronto relativamente passivo, pressupondo a hipótese de reformulação, de colaboração: interacção.

Estas novas atitudes determinam a concepção de novos produtos e de outras abordagens ao nível da formação.

H) A VANGUARDA

Esta esteve sempre presente na história do design, ainda que este se tenha vindo progressivamente a afirmar como actividade projectual, encerrado numa lógica de processo, visando como meta a solução de problemas, recorrendo a procedimentos bem identificados e sistematizados.

Tal não impede que a vanguarda e a experimentação não devam ser parte integrante do design e de cada projecto. Não para valorizar apenas os aspectos estéticos, uma faceta artística, o design dito de autor, mas porque a busca e a inquietude é intrínseca ao design e potencia a descoberta das soluções.

DIDÁCTICA DAS AULAS

- Cada sessão ou aula tem carácter teórico-prático e a duração de 3 horas.
- Em cada aula poderão ser abordadas uma ou mais unidades.
- As sessões organizam-se do seguinte modo:
 - a) Apresentação da unidade (5 minutos)
 - b) Objectivo e pontos fulcrais (15 minutos)
 - c) Desenvolvimento dos conteúdos (1 hora e 30 minutos)
 - d) Intervalo (15 minutos)
 - e) Debate (25 minutos)
 - f) Exploração dos aspectos relacionados com a unidade em estudo e com outras unidades (20 minutos)

Total de 2 horas e 50 minutos, mais 10 minutos de tolerância no final.

UNIDADES E CONTEÚDOS:

1. Investigação e análise:
Conceitos. Normas. Cuidados. Alertas. Análise, reconhecimento e compreensão. Etapas.
2. Design versus designs:
Design Gráfico e de Comunicação. Design de equipamento e do produto. Design como atitude. Designs. Design para o mundo e design do mundo.
3. Expressão e conteúdo:
Hjemslev. Níveis da expressão e do conteúdo. Substancia e forma. Aplicações.
4. Signo plástico e signo icónico:
Peirce e Saussure. Significante e significado. Referente, tipo e conceito. Codificações.
5. Identidade gráfica e visual:
Conceitos e descrição histórica. Tipologias. Importância do nível icónico e plástico. Análises.

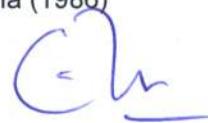


6. Escrita e retórica do texto visual
Relações texto imagem. Processos de concepção. Morfologia e sintaxe. Retórica visual. Análises.
7. A imagem em movimento
Imagem em movimento e imagem-movimento. Sequencial e aleatório. Conceitos cinematográficos. Sintaxe e pontuação. Movimentos de câmara. Análises.
8. A informação: recepção e interacção
Novos paradigmas: do leitor receptor ao leitor interventor. Modelos de formação. Interacção. Design do layout e da informação. Mapas e *flowcharts*. *Tablets*.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL:

A lista que se apresenta será completada por referências específicas, para cada unidade abordada.

- Almas, P. - La photographie, moyen d'information. Tema, Paris (1975)
- Alonso, M. - Fotoperiodismo. Formas y Códigos. Sintesis, Madrid (1995)
- Aparici, R. et al. - La imagen. Iniciación a la lectura de la imagen y conocimiento de los medios. UNED, Madrid (1987)
- Barbieri, D. - Los lenguajes de los cómic. Paidós, Barcelona (1993)
- Cadet, C. et al. - La communication par l'image. Nathan, Paris (1990)
- Catalá, J. - La violación de la mirada. La imagen entre el ojo y el espejo. Fundesco, Madrid (1993)
- Chaves, N. - La imagen corporativa. Teoría y metodología de la identificación institucional. G. Gili, Barcelona (1990)
- Condado, R. - La fotografía en el periodismo. Universidad Central de Caracas, Caracas (1982)
- Creel, C. et al. - Educación para la recepción. Acia una lectura crítica de los medios. Trillas, México (1990)
- Dondis, D. - La sintaxis de la imagen. Introducción al alfabeto visual. Gustavo Gili, Barcelona (1976)
- Dubois, P. - El acto fotográfico. De la representación a la recepción. Paidós, Barcelona (1986)
- Durand, J. - Las formas de comunicación. Mitre, Barcelona (1981)
- Floch, J.-M. - Semiótica, Marketing y Comunicación. Bajo los signos, las estrategias. Paidós, Barcelona (1993)
- Freund, G. - La fotografía como documento social. Gustavo Gili, Barcelona (1976)
- García-Noblejas, J. - Poética del texto audiovisual. Introducción al discurso narrativo de la imagen. EUNSA, Pamplona (1982)
- Gombrich, E. - Arte, percepción y realidad. Paidós, Barcelona (1983)
- Herreros, M.- Información Audiovisual. Concepto, Técnica, Expresión y Aplicaciones. Sintesis, Madrid (1995)
- Jiménez, J. - Narrativa audiovisual. Cátedra. Madrid (1993)
- - La imagen narrativa. Paraninfo, Madrid (1994)
- Kanizsa, G. - Gramática de la visión. Percepción y pensamiento. Paidós, Barcelona (1986)
- Moles, A. et al. - L'image, communication fonctionnelle. Casterman, Paris (1981)



- Plecy, A. - Grammaire élémentaire de l'image. Etienne, Paris (1968)
- Peltzer, G. - Periodismo iconográfico. Rialp, Madrid (1991)
- Peninou, G. - Semiótica de la publicidad. Gustavo Gili, Barcelona (1976)
- Thibault-Laulan, A. - El lenguaje de la imagen. Estudios psicolinguísticos de las imágenes visuales en secuencia. Marova, Madrid (1973)
- Torán, L. - El espacio en la imagen. De las perspectivas pictóricas al espacio cinematográfico. Mitre, Barcelona (1985)
- Vilches, L. - Teoría de la imagen periodística. Paidós, Barcelona (1993)
- Villafañe, J. - Imagen positiva. Gestión estratégica de la imagen de las empresas. Pirámide, Madrid (1993)
- Zunzunegui, S. - Paisajes de la forma. Ejercicios de análisis de la imagen. Cátedra, Madrid (1994)

AVALIAÇÃO:

- a) A avaliação dos alunos será expressa em termos qualitativos e quantitativos, reflectindo a capacidade dos alunos para atingir os objetivos específicos declarados.
- b) As indicações qualitativas expressam resultados parcelares, no âmbito de uma avaliação formativa ou de processo.
- c) A avaliação formativa ocorre durante o processo de ensino-aprendizagem, nas aulas, e permite identificar aptidões passíveis de serem qualificadas e aspectos da formação que necessitam de ser aprofundados ou melhorados.
- d) A avaliação sumativa será efectuada na última ou penúltima semana de aulas, em data a determinar, podendo também ocorrer no decurso do semestre.
- e) Os exames constituem momentos suplementares de avaliação, nos quais, através da realização de uma prova escrita ou oral, se permite aos alunos demonstrar que adquiriram conhecimento e alcançaram as competências identificadas no programa.
- f) A admissão a exame está condicionada à apresentação/entrega dos exercícios ou dos relatórios previstos, ou de outro tipo de trabalhos ou de tarefas, nos momentos estipulados.
- g) O não cumprimento dos prazos para entrega/apreciação dos exercícios determina penalizações, que serão de 20%.
- h) Os estudantes trabalhadores, ainda que abrangidos por estatuto específico, não estão dispensados do cumprimento das normas de avaliação que aqui se apresentam.

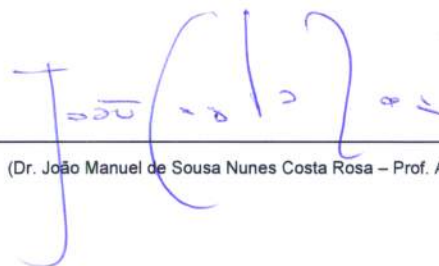
TUTORIA

A tutoria serve o acompanhamento dos alunos, prestando esclarecimentos, auxiliando na execução de determinadas tarefas, aconselhando ou prestando apoio ao nível da investigação, da implementação de planos de estudo, recolhas e leituras, etc.

A tutoria visa por isso o aperfeiçoamento dos métodos de estudo e de trabalho, permitindo completar os momentos lectivos de aula e otimizar os resultados.

Mesmo não sendo obrigatória a participação em actividades de tutoria, recomenda-se que no final de cada sessão ou aula (no período reservado para resposta a questões específicas), os alunos que dela necessitem informem o Docente, indicando por escrito o assunto, temática ou motivo que os leva a solicitar esse apoio.

A tutoria será organizada designando entre outros, os dias, horas e o local onde decorrerá.



(Dr. João Manuel de Sousa Nunes Costa Rosa – Prof. Adjunto)